

KAMI GARCIA E MARGARET STOHL

A large, intricate black and white decorative flourish surrounds the title. It features elegant, swirling lines, loops, and curls that frame the text. The flourish is symmetrical and has a classic, ornate feel.

# CAOS MARAVILHOSO

Tradução  
Filipa Aguiar

1001  
MUNDOS



✠ ANTES ✠

### *Açúcar e Sal*

É engraçado como em Gatlin as coisas boas estão sempre ligadas às más. Às vezes, é difícil distingui-las. Mas, seja como for, acabamos por comer o açúcar e o sal, e levar os pontapés com os beijos, como diria Amma.

Não sei se é assim em todo o lado. Só conheço Gatlin, e eis o que sei: quando voltei ao meu banco habitual na igreja com as Manas, a única notícia a circular com o ofertório era que o Bluebird Café deixara de servir sopa de hambúrguer, a temporada de tarte de pêsego estava no fim, e *uns rufias* tinham roubado o balouço de pneu do velho carvalho perto do Relvado do General. Metade da congregação ainda andava pelos corredores alcatifados calçando aquilo que a minha mãe costumava chamar sapatos da Cruz Vermelha. Com tantos joelhos roxos e inchados no sítio onde as meias acabavam, parecia que um mar inteiro de pernas estava a prender a respiração. Eu pelo menos estava.

Porém, as Manas ainda seguravam com os dedos dobrados os livros de hinos abertos na página errada e apertavam lenços dentro de mãos fechadas como botões de rosas manchados. Nada as impedia de cantar a melodia, com voz alta e estridente, enquanto uma tentava cantar mais alto do que a outra. Menos a tia Prue. Ela acertava acidentalmente um acorde de três notas no meio de trezentos, mas ninguém se importava. Algumas coisas não precisavam de mudar, e talvez não devessem. Algumas coisas, como a tia Prue, eram para ser desafinadas.

Era como se o verão anterior nunca tivesse acontecido, e estivéssemos em segurança entre estas paredes. Como se nada, além da luz

do sol intensa e colorida que brilhava pelos vitrais das janelas, pudesse forçar a sua entrada. Nem Abraham Ravenwood, nem Hunting e a sua Matilha do Sangue. Nem a mãe de Lena, Sarafine, nem o próprio Diabo. Ninguém mais conseguiria passar pela hospitalidade dos auxiliares que distribuía os folhetos. E, mesmo que conseguissem, o reverendo continuaria a pregar, e o coro continuaria a cantar, porque nada além do apocalipse poderia manter as pessoas de Gatlin longe da igreja ou das vidas umas das outras.

Porém, fora destas paredes, o verão mudara tudo, tanto no mundo Encantador como no Mortal, mesmo que as pessoas de Gatlin não o soubessem. Lena tinha-se Chamado tanto para a Luz como para as Trevas e dividira a Décima Sétima Lua. Uma batalha entre Demónios e Encantadores terminara com mortes dos dois lados e provocara uma fissura do tamanho do Grande Canyon na Ordem das Coisas. O que Lena tinha feito era o equivalente Encantador a partir os Dez Mandamentos. Perguntei-me o que diriam disso as pessoas de Gatlin se soubessem. Eu esperava que nunca soubessem.

Esta cidade fizera-me sentir claustrofóbico, e eu detestara-a. Agora, parecia um lugar esperado, um lugar do qual eu sentiria falta um dia. E esse dia estava a chegar. Ninguém o sabia melhor do que eu.

Açúcar e sal e pontapés e beijos. A rapariga que eu amava tinha voltado para mim e dividido o mundo. Fora isso que realmente acontecera no verão.

Era o fim da sopa de hambúrguer e da tarte de pêsego e dos balouços de pneus. Mas víamos também o começo de uma coisa.

O começo do Fim dos Dias.

## *Línkubo*

Eu estava no cimo do reservatório de água branco, de costas para o sol. A minha sombra sem cabeça descia sobre o metal quente e pintado e desaparecia na extremidade, em direção ao céu. Podia ver Summerville à minha frente, estendendo-se até ao lago, da Estrada n.º 9 até Gatlin. Aquele tinha sido o nosso lugar feliz, o meu e o de Lena. Um deles, pelo menos. Mas eu não estava feliz. Parecia que ia vomitar.

Os meus olhos lacrimejavam, mas eu não sabia o motivo. Talvez fosse da luz.

*Vá lá. Está na hora.*

Apertei as mãos e abri-as – olhando para as pequenas casas, os pequenos carros e as pequenas pessoas – à espera que acontecesse. O medo borbulhava no meu estômago, pesado e errado. De repente, braços familiares chocaram contra a minha cintura, deixando-me sem ar e arrastando-me pela escada de metal. Bati com o queixo na parte lateral do corrimão e cambaleei. Impeli-me para a frente, tentando afastá-lo.

*Quem és tu?*

Contudo, quanto mais eu me mexia, maior era a força com que ele me batia. O soco seguinte aterrou no meu estômago e dobrei-me. Foi quando os vi.

Os *All Star* pretos. Estavam tão velhos e gastos que podiam ser os meus.

*O que queres?*

Não esperei resposta. Lancei-me ao seu pescoço e ele ao meu. Foi quando olhei para o seu rosto e vi a verdade.

*Ele era eu.*

Enquanto olhávamos nos olhos um do outro e arranhávamos o pescoço um do outro, rolámos pela beira do reservatório de água e caímos.

Durante toda a queda, eu só conseguia pensar numa coisa.

*Finalmente.*



A minha cabeça bateu no chão com um estalido e o meu corpo sofreu o impacto um segundo depois, os lençóis enrolados no meu corpo. Tentei abrir os olhos, mas ainda estavam enevoados do sono. Esperei que o pânico diminuísse.

Nos meus antigos sonhos, eu tentara impedir Lena de cair. Agora, era eu quem caía. O que significava isso? Porque acordava eu com a sensação de que já tinha caído?

– Ethan Lawson Wate! O que estás a fazer aí em cima em nome do Nosso Doce Salvador? – Amma tinha um jeito especial de gritar que conseguia fazer-nos voltar a correr do Hades, como diria o meu pai.

Abri os olhos, mas só consegui ver uma meia solitária, uma aranha a avançar sem direção certa pelo pó e alguns livros velhos com as lombadas destruídas. *Catch 22. O Jogo Final. Os Marginais.* Alguns outros. A vista emocionante sob a minha cama.

– Nada. Só a fechar a janela. – Olhei para a janela, mas não a fechei. Dormia sempre com ela aberta. Começara a deixá-la assim quando Macon morreu... pelo menos, quando julgámos que tinha morrido, e agora era um hábito reconfortante. A maior parte das pessoas sentia-se mais segura com as janelas fechadas, mas eu sabia que uma janela fechada não me protegeria das coisas de que tinha medo. Não impediria a entrada de um Encantador das Trevas nem de um Íncubo de Sangue.

Não sabia se alguma coisa o impediria.

Mas, se houvesse uma forma, Macon parecia determinado a descobri-la. Eu não o vira muito desde que voltáramos da Grande Barreira. Ele estava sempre nos Túneis, de qualquer modo, ou a trabalhar nalgum Encantamento protetor para Ligar Ravenwood. A casa de Lena tinha-se tornado a Fortaleza da Solidão desde a Décima Sétima Lua, quando a Ordem das Coisas (o delicado equilíbrio que regulava o mundo

Encantador) fora rompida. Amma estava a criar a própria Fortaleza da Solidão aqui na Propriedade Wate – ou Fortaleza da Superstição, como Link lhe chamava. Amma ter-lhe-ia chamado «tomar medidas preventivas». Cobrira todos os parapeitos das janelas com sal e usara a escada pouco firme do meu pai para pendurar garrafas partidas de cabeça para baixo em todos os galhos da nossa árvore-de-júpiter. Em Riacho do Vau, as árvores cheias de garrafas eram tão comuns como os ciprestes. Agora, sempre que eu via a mãe de Link no Stop & Steal, a Sra. Lincoln perguntava a mesma coisa: «Já apanhaste algum espírito maligno naquelas garrafas velhas?»

*Gostava de poder apanhar o seu.* Era o que lhe queria responder. A Sra. Lincoln enfiada numa garrafa castanha e empoeirada de *Coca-Cola*. Não sabia se alguma árvore cheia de garrafas conseguiria aguentar com isso.

Naquele momento, eu só queria uma brisa. O calor rolou sobre mim quando me recostei na velha cama de madeira. Era denso e sufocante, um cobertor do qual não conseguíamos livrar-nos. O implacável sol da Carolina do Sul costumava ficar mais fraco por volta de setembro, mas não este ano.

Esfreguei o galo na minha testa e cambaleei até ao chuveiro. Abri a torneira de água fria. Deixei-a correr um minuto, mas ela continuou a sair morna.

Cinco vezes seguidas. Eu caíra da cama cinco manhãs seguidas e estava com medo de falar a Amma dos pesadelos. Quem sabia o que ela penduraria na nossa velha árvore-de-júpiter? Depois de tudo o que tinha acontecido no verão, Amma ficava em cima de mim como uma mãe falcão a proteger o ninho. Sempre que eu saía da casa quase conseguia senti-la na minha peugada como o meu Desviado particular, um fantasma do qual não podia escapar.

E já não aguentava mais. Precisava de acreditar que, às vezes, um pesadelo era apenas um pesadelo.

Senti o cheiro de *bacon* a fritar e aumentei o jato de água. Finalmente arrefecera. Só quando estava a secar-me percebi que a janela se tinha fechado sozinha.



– Despacha-te, Bela Adormecida. Estou pronto a mergulhar nos livros. – Ouvi Link antes de o ver, mas quase não teria reconhe-

cido sua voz. Estava mais grave e ele soava mais como um homem e menos como um tipo especializado em fustigar a bateria e compor más canções.

– Sim, estás pronto para mergulhar em alguma coisa, mas de certeza não é nos livros. – Sentei-me na cadeira ao lado da dele à nossa mesa lascada da cozinha. Link tinha ganho tanto volume que parecia estar sentado numa daquelas cadeirinhas de plástico da primária. – Desde quando chegas a horas à escola?

Em frente ao fogão, Amma fungou, com uma das mãos na anca e a outra a mexer os ovos com a Ameça de Um Olho, a sua colher de madeira da justiça.

– Bom dia, Amma. – Percebi que ia ouvir das boas pela forma como uma das ancas estava mais alta do que a outra. Mais ou menos como uma pistola carregada.

– Acho que é antes boa tarde. Já estava na hora de nos dares o prazer da tua companhia. – Diante do fogão quente num dia ainda mais quente, ela nem sequer transpirava. Seria preciso mais do que o clima para forçar Amma a desviar-se um centímetro do seu jeito de fazer as coisas. O olhar dela lembrou-me disso quando despejou os ovos que pareciam equivaler a um galinheiro inteiro, no meu prato azul e branco de porcelana. Quanto maior o pequeno-almoço, maior seria o dia, na cabeça de Amma. Àquele ritmo, quando me formasse, seria uma bolacha enorme a boiar numa banheira cheia de massa de panquecas. Uma dúzia de ovos mexidos no meu prato significava que não havia como negar. Era mesmo o primeiro dia de aulas.

Não era de esperar que eu estivesse cheio de vontade de voltar ao Liceu Jackson. No ano anterior, com exceção de Link, os meus alegados amigos tinham-me tratado como lixo. Mas a verdade era que eu mal podia esperar por um motivo para sair de casa.

– Come tudo, Ethan Wate. – Uma torrada voou para o meu prato, seguida do *bacon* e de uma dose saudável de manteiga e papas de milho. Amma tinha colocado um individual na mesa para Link, mas não havia prato. Nem sequer copo. Ela sabia que Link não comeria os seus ovos, nem nada preparado na nossa cozinha.

Porém, nem sequer Amma sabia dizer-nos do que ele era agora capaz. Ninguém sabia, muito menos Link. Se John Breed era uma espécie de híbrido Encantador-Íncubo, Link era da geração seguinte.

Pelo que Macon sabia, Link era o equivalente Íncubo de um primo distante do sul que se encontrava de tantos em tantos anos num casamento ou num funeral e se tratava pelo nome errado.

Link esticou os braços atrás da cabeça, e espreguiçou-se. A cadeira de madeira estalou sob seu peso.

– Foi um longo verão, Wate. Estou pronto para voltar à rotina.

Engoli uma colherada de papas e tive de resistir ao desejo de as cuspir. Tinham um gosto estranho, seco. Amma nunca tinha feito umas papas más na vida. Talvez fosse do calor.

– Porque não perguntas à Ridley o que ela acha e me contas depois?

Ele fez uma careta, e percebi que o assunto já tinha surgido.

– É o nosso penúltimo ano, e sou o único Línkubo da Jackson. Tenho todo o encanto e nenhum espanto. Toda a força e nenhuma...

– Nenhuma quê? Tens alguma rima para força? Moça? Louça? – Eu teria dado uma gargalhada, mas estava com dificuldade em engolir as papas.

– Sabes o que quero dizer.

Eu sabia. Era mais do que irónico. A namorada com quem ele passava a vida a acabar e a fazer as pazes, Ridley, prima de Lena, tinha sido uma Sereia, capaz de forçar qualquer rapaz, em qualquer lado, a fazer o que ela quisesse, quando quisesse. Até Sarafine tirar os poderes a Ridley e ela se tornar Mortal, dias antes de Link se tornar parcialmente Íncubo. Pouco tempo depois daquela dentada, todos conseguimos ver a transformação começar diante dos nossos olhos.

O cabelo espetado e ridiculamente oleoso de Link tornou-se um cabelo espetado e ridiculamente oleoso muito fixe. Ele ficou cheio de músculos, com bíceps salientes como as braçadeiras que a mãe o obrigava a usar muito tempo depois de ele já ter aprendido a nadar. Parecia mais o elemento de uma banda de *rock* a sério do que alguém que sonhava fazer parte de uma.

– Não me meteria com a Ridley. Ela pode já não ser uma Sereia, mas ainda significa sarilhos. – Coloquei papas e ovos sobre a torrada, com uma fatia de *bacon* no meio, e enrolei tudo.

Link olhou para mim como se quisesse vomitar. A comida já não tinha o mesmo apelo agora que ele era metade Íncubo.

– Meu, não me vou meter com a Ridley. Sou burro, mas não tanto.

Eu começava a ter dúvidas. Encolhi os ombros e enfiei metade da sandes do pequeno-almoço na boca. O gosto também estava errado. Acho que pus pouco *bacon*.

Antes de eu poder dizer qualquer coisa, uma mão fechou-se no meu ombro, e dei um salto. Por um segundo senti-me no cimo do reservatório de água do sonho, preparando-me para um ataque. Mas era apenas Amma, pronta para o sermão tradicional de primeiro dia de aulas. Pelo menos, foi o que pensei. Devia ter reparado no cordel vermelho amarrado no pulso dela. Um amuleto novo significava sempre que as nuvens pretas estavam a chegar.

– Não sei o que estão a pensar, sentados aqui como se fosse um dia qualquer. Não acabou... nem a Lua, nem este calor, nem aquilo com o Abraham Ravenwood. Estão ambos a agir como se tudo tivesse acabado, as luzes se tivessem acendido e estivesse na altura de sair do cinema. – Ela baixou a voz. – Bem, estão tão errados como se tivessem entrado descalços na igreja. As coisas têm consequências, e não vimos nem metade delas.

Eu sabia das consequências. Estavam em todo o lado para onde olhava, por mais que tentasse não vê-las.

– Minha senhora? – Link devia saber que era melhor ficar calado quando Amma estava a escurecer.

Ela apertou a *T-shirt* de Link com mais força, provocando novas rachas na imagem já gasta dos Black Sabbath.

– Fica perto do meu menino. Agora tens sarilhos no corpo, e lamento muito que isso tenha acontecido. Mas é o tipo de sarilhos que pode impedir-vos de se meterem em mais. Estás a ouvir, Wesley Jefferson Lincoln?

Link assentiu, assustado.

– Sim, minha senhora.

Olhei para Amma. Ela não tinha diminuído o aperto no ombro de Link e não ia soltar-me nos próximos segundos.

– Amma, não fiques tão tensa. É só o primeiro dia de aulas. Em comparação com o que passámos, não é nada. Não há Vex, nem Íncubos, nem Demónios no Liceu Jackson.

Link aclarou a voz.

– Bem, isso não é exatamente verdade. – Ele tentou sorrir, mas Amma apertou-lhe a *T-shirt* com mais força, até ele se levantar da cadeira. – Ai!

– Achas engraçado? – Link foi suficientemente esperto para ficar calado desta vez. Amma virou-se para mim: – Eu estava presente quando perdeste o teu primeiro dente ao morder aquela maçã e quando perdeste as rodinhas do carro na corrida dos escuteiros. Cortei caixas de sapatos para fazer dioramas e decorei centenas de *cupcakes* de aniversário. Nunca disse nada quando o teu sistema de recolha de água falhou, como disse que aconteceria.

– Pois não.

Era verdade. Amma era uma constante na minha vida, estava presente quando a minha mãe morreu, havia quase ano e meio, e quando o meu pai enlouqueceu por causa disso.

Ela soltou a minha *T-shirt* tão de repente como a tinha segurado, alisou o avental e baixou a voz. Fosse qual fosse o motivo daquela tempestade particular, já havia passado. Talvez fosse o calor. Estava a afetar-nos a todos.

Amma olhou pela janela, atrás de mim e de Link.

– Estive sempre presente, Ethan Wate. E estarei sempre enquanto existires. Enquanto precisares de mim. Nem um minuto a menos. Nem um minuto a mais.

O que queria aquilo dizer? Amma nunca tinha falado comigo assim, como se fosse haver um momento em que eu já não fosse estar ali ou não precisasse dela.

– Eu sei, Amma.

– Olha-me nos meus olhos e diz-me que não estás a morrer de medo, como eu. – A voz dela estava baixa, quase um sussurro.

– Voltámos inteiros. É o que importa. Podemos resolver tudo o resto.

– Não é assim tão simples. – Amma ainda estava a falar baixinho, como se estivéssemos no banco da frente na igreja. – Presta atenção. Alguma coisa, uma que seja, está igual desde que voltámos para Gatlin?

Link falou, coçando a cabeça:

– Minha senhora, se é com o Ethan e a Lena que está preocupada, prometo que, enquanto eu estiver por perto, com a minha superforma e tudo isso, nada lhes vai acontecer. – Fletiu o braço com orgulho.

Amma riu com desdém.

– Wesley Lincoln. Não sabes? Não podes impedir de acontecer o tipo de coisas de que estou a falar, tal como não podes impedir que o céu caia.

Bebi um gole de leite com chocolate e quase cuspi tudo na mesa. Estava demasiado doce, e o açúcar cobriu-me a garganta como xarope para a tosse. Parecia os ovos, com gosto a algodão, e as papas, com gosto a areia.

Tudo estava estranho naquele dia, tudo e toda a gente.

– O que há de errado com o leite, Amma?

Ela abanou a cabeça.

– Não sei, Ethan Wate. O que há de errado com o teu paladar?

Quem me dera saber.

Quando saímos pela porta e entrámos no *Beater*, virei-me para dar uma última olhadela à Propriedade Wate. Não sei porquê. Amma estava parada em frente à janela, entre as cortinas, a ver-me afastar. E, se eu não soubesse das coisas, se não conhecesse Amma, poderia jurar que ela estava a chorar.

### *Miúdas Mortais*

Enquanto percorríamos a Rua da Pomba, era difícil acreditar que a nossa cidade tivera qualquer outra cor além de castanho. A relva parecia uma torrada queimada antes de raspamos as partes pretas. O *Beater* era a única coisa que não mudara. Pelo menos daquela vez Link conduzia dentro do limite de velocidade, mesmo que fosse só porque queria ver o que tinha sobrado dos jardins dos vizinhos.

– Meu, olha para as azáleas da senhora Asher! O sol está tão quente que elas ficaram pretas.

Link tinha razão quanto ao calor. De acordo com o *Almanaque do Agricultor*, e com as Manas, que eram o almanaque ambulante de Gatlin, o concelho não passava por tamanha onda de calor desde 1942. Mas não tinha sido o sol que matara as azáleas da Sra. Asher.

– Não estão queimadas. Estão cobertas de gafanhotos pretos.

Link pôs a cabeça fora da janela para ver melhor.

– Não acredito.

Os gafanhotos tinham aparecido em grupos. Três semanas depois do Chamamento de Lena e duas semanas depois da pior onda de calor em setenta anos. Não eram como os gafanhotos verdes comuns, os que Amma encontrava na cozinha de vez em quando. Eram pretos, com uma linha amarela ameaçadora nas costas, e viajavam em grandes grupos. E assemelhavam-se aos grilos, devorando cada centímetro de verdura da cidade, o que incluía o Relvado do General. A estátua do general Jubal A. Early estava no meio de um círculo castanho de relva morta, com a espada em riste e coberto por um exército preto.

Link acelerou um pouco.

– Que nojo. A minha mãe acha que são uma das pragas do apocalipse. Está à espera que os sapos apareçam e que a água fique vermelha.

Pela primeira vez, eu não podia criticar a Sra. Lincoln. Numa cidade construída sobre partes iguais de religião e superstição, era difícil ignorar uma infestação inédita de gafanhotos que tinham caído sobre Gatlin como uma nuvem negra. Cada dia parecia ser no estilo do Fim dos Dias. E eu não ia bater à porta da Sra. Lincoln para confessar que era provavelmente consequência de a minha namorada Encantadora ter partido a Lua e perturbado a Ordem das Coisas. Estávamos com dificuldade em convencer a mãe de Link de que o novo médico dele não era resultado de esteroides. Ele já tinha ido duas vezes ao consultório do Dr. Asher naquele mês.

Quando entrámos no parque de estacionamento, Lena já lá estava, e mais uma coisa tinha mudado. Ela não trouxera o *fastback* do primo Larkin. Estava parada ao lado da carreta de Macon, com uma *T-shirt vintage* dos U2 com a palavra WAR escrita em cima, uma saia cinzenta e os velhos *All Star*. Estavam recém-pintados na ponta com marcador preto. Era uma loucura o quanto uma carreta e um par de ténis podiam alegrar um tipo.

Um milhão de pensamentos passaram pela minha cabeça. Que quando ela olhava para mim parecia não haver mais ninguém no mundo. Que quando eu olhava para ela reparava em cada pormenor, enquanto tudo o resto desaparecia. Que eu só era eu quando estávamos juntos.

Era impossível colocar aquilo por palavras, e mesmo que eu conseguisse, não teria a certeza se as palavras seriam as certas. Mas não precisava de tentar, porque Lena e eu nunca precisávamos de dizer as coisas que sentíamos. Podíamos pensá-las, e o Celtismo tratava do resto.

«Olá.»

«Porque demoraste tanto?»

Saí do banco do passageiro, e as costas da minha *T-shirt* já estavam cobertas de suor. Link parecia imune ao calor, outra vantagem de ser parte Íncubo. Aproximei-me de Lena e inspirei os seus perfumes.

Limão e alecrim. O aroma que segui pelos corredores do Jackson antes de vê-la pela primeira vez. O que nunca tinha desaparecido, mesmo quando ela foi para as trevas, para longe de mim.

Inclinei-me com cuidado para beijá-la, sem tocar em nenhuma outra parte do seu corpo. Atualmente quanto mais nos tocávamos, menos eu conseguia respirar. Os efeitos físicos de tocá-la tinham-se intensificado, e, embora eu tentasse esconder, Lena sabia.

Senti o choque assim que os nossos lábios se encontraram. A doçura do beijo era tão perfeita, e o toque contra a pele era tão poderoso que a minha cabeça parecia andar às voltas. Mas agora havia outra coisa: a sensação de que ela estava a inspirar a minha respiração sempre que os nossos lábios se tocavam, puxando um cordel invisível que eu não podia controlar. Lena arqueou o pescoço e afastou-se antes de eu conseguir mexer-me.

«Depois.»

Suspirei, e ela lançou-me um beijo.

«Mas L, já passaram...»

«Nove horas inteiras?»

«Sim.»

Sorri para ela, e ela abanou a cabeça.

«Não quero que passes o primeiro dia de aulas na enfermaria.»

Lena estava mais preocupada comigo do que eu. Se alguma coisa me acontecesse (o que era uma possibilidade real, pois estava a ficar mais difícil beijá-la e mais difícil ainda manter-me afastado), eu não me importaria. Não podia suportar a ideia de não lhe tocar. As coisas estavam a mudar. Aquela sensação, a dor que não era dor, existia mesmo quando estávamos afastados. Devia haver um nome para isso, a dor perfeita que eu sentia nos lugares vazios que ela costumava preencher.

Existe uma palavra para descrever isto? Dor no coração, talvez? Foi assim que criaram essa expressão? Só que eu sentia-a na barriga, na cabeça, no corpo todo. Via Lena quando estava a olhar pelas janelas ou a fitar as paredes.

Tentei concentrar-me numa coisa que não doesse.

– Gosto do carro novo.

– Queres dizer o velho? A Ridley teve um ataque porque não queria andar de carreta.

– Onde está a Rid? – Link já percorria com o olhar o estacionamento.

Lena apontou para a carreta atrás dela.

– Está lá dentro, a mudar de roupa.

– Ela não pode vestir-se em casa, como uma pessoa normal? – perguntei.

– Eu ouvi isso, Palhinha Curta! – gritou Ridley de dentro do carro. – Não sou... – Uma bola de tecido amarrotado voou pela janela do condutor e caiu no asfalto quente. – ... *uma pessoa normal*. – Ela disse aquilo como se normal fosse uma doença. – E não vou usar essa porcaria produzida em massa e comprada no centro comercial. – Ridley contorcia-se e o banco de couro gemia enquanto vislumbres de cabelo louro e rosa apareciam e desapareciam. Um par de sapatos prateados voou pela janela. – Pareço uma apresentadora do Disney Channel.

Baixei-me e peguei na peça de roupa ofensiva. Era um vestido curto e estampado de uma loja do centro comercial de Summerville. Era uma variação do mesmo vestido que Savannah Snow, Emily Asher, Eden Westerly e Charlotte Chase (as rainhas da equipa de líderes de claque) e, portanto, metade das miúdas do Liceu Jackson usava. Lena revirou os olhos.

– A avó decidiu que a Ridley precisava de se vestir de maneira mais apropriada, agora que vai frequentar um liceu Mortal. – Lena baixou a voz. – Como Mortal, sabes.

– Eu ouvi! – Um *top* branco saiu a voar pela janela. – Só porque sou uma Mortal nojenta não quer dizer que tenho de me vestir como uma. – Lena olhou por cima do ombro e afastou-se do carro. Ridley saiu da carreta e ajustou a nova roupa: uma *T-shirt* rosa-choque e uma faixa de tecido preto que ela usava como saia. A *T-shirt* era toda recortada e presa com alfinetes-de-ama nalguns pontos, e ela usava-a descaída de um dos lados, deixando um dos ombros à mostra.

– Acho que nunca te vais parecer com uma Mortal, miúda. – Pouco à vontade, Link puxou a própria *T-shirt*, que parecia ter encolhido quando a mãe dele a lavara.

– Agradeço a Deus pelos pequenos favores. E não me chames miúda. – Ridley pegou no vestido com dois dedos. – Devíamos dar isto para caridade. Talvez possam vendê-lo como fantasia da Noite das Bruxas.

Lena olhou para a fivela do cinto descaído na cintura de Ridley.

– Por falar em caridade, o que é isso?

– O quê? Esta coisa velha? – Era uma fivela enorme num cinto preto de couro velho, com uma espécie de inseto preso numa pedra, ou num pedaço de plástico. Acho que era um escorpião. Era assustador

e estranho, mesmo ao estilo de Ridley. – Só estou a tentar encaixar-me no ambiente. – Ridley sorriu e fez rebentar um balão de pastilha elástica. – Sabes como é. Todos os adolescentes fixes os usam. – Sem o chupa-chupa característico, ela ficava tão mal-humorada como o meu pai quando Amma lhe dava descafeinado.

Lena não insistiu.

– Vais ter de mudar de roupa antes de voltarmos para casa, senão a avó percebe o que estás a fazer.

Ridley ignorou-a e largou o vestido amarfanhado no asfalto quente e depois pisou-o com as sandálias de salto muito alto.

Lena suspirou e estendeu a mão. O vestido voou em direção aos dedos dela, mas antes de alcançá-los, começou a arder. Lena recolheu a mão, e o vestido caiu no chão com as pontas já queimadas.

– Que caraças! – Link pisou o tecido até haver apenas de uma confusão preta e fumegante. Lena ficou vermelha.

Ridley estava impassível.

– Muito bem, prima. Eu não teria feito melhor.

Lena viu a última voluta de fumo desaparecer.

– Eu não queria...

– Eu sei. – Ridley parecia entediada.

Os poderes de Lena estavam descontrolados desde o seu Chamamento, o que era perigoso, tendo em conta que ela era tanto da Luz como das Trevas. Os seus poderes tinham sido sempre imprevisíveis, mas agora podiam provocar qualquer coisa, desde temporais a ventos com intensidade de furacão e incêndios florestais.

Lena suspirou, frustrada.

– Compro-te outro antes do fim do dia, Rid.

Ridley revirou os olhos e remexeu na mala.

– Não me faças nenhum favor. – E pôs os óculos escuros.

– Boa ideia. – Link colocou os óculos pretos e arranhados que tinham sido modernos durante uns dez minutos quando estávamos no sexto ano. – Vamos curtir, Cubo de Açúcar.

Viraram-se em direção aos degraus, e vi a minha oportunidade. Estiquei a mão, agarrei no braço de Lena e puxei-a para perto de mim. Ela afastou o cabelo castanho, que estava sempre um pouco comprido de mais, dos meus olhos e fitou-me através das pestanas pretas e grossas. Um olho perfeitamente dourado e outro verde-escuro encararam-me. Os olhos dela nunca voltaram a ser como eram antes

da noite em que Sarafine invocara a Décima Sétima Lua fora de tempo. Fitou-me com o olho dourado de Encantadora das Trevas e o verde de Encantadora da Luz – um lembrete constante do momento em que se dera conta de que possuía os dois tipos de poder. Mas eram também um lembrete de que a escolha dela tinha mudado as coisas tanto no mundo Encantador como no Mortal. E entre nós.

«Ethan, não...»

«Chiu. Preocupas-te demasiado.»

Pus os braços em seu redor, e a sensação daquele corpo ardeu nas minhas veias. Eu podia sentir a sua intensidade enquanto me esforçava por manter a minha respiração regular. Ela mordeu delicadamente o meu lábio inferior quando nos beijámos, e fiquei tonto e desorientado em segundos. Para mim, não estávamos de pé no meio do parque de estacionamento. Imagens surgiram na minha mente, e eu só podia estar com alucinações, porque agora estávamos a beijar-nos na água, no lago Moultrie, na minha mesa da aula de Inglês, nas mesas do almoço, atrás das bancadas, no jardim de Greenbrier.

De repente, uma sombra passou por cima de mim, e senti uma coisa que não era provocada pelo beijo. Tivera antes a mesma sensação, em cima do reservatório de água, no meu sonho. Uma tontura sufocante tomou conta de mim, e Lena e eu já não estávamos no jardim. Estávamos cercados de terra, a beijar-nos num túmulo aberto.

Eu ia desmaiar.

Quando os meus joelhos se dobraram, uma voz cortou o ar e interrompeu o nosso beijo, e Lena afastou-se.

– Olá. Como estão? – perguntou Savannah Snow.

Tombei contra a parte lateral da carreta e deslizei até ao chão. Depois senti alguém a içar-me, os meus pés mal tocando o asfalto.

– O que tem o Ethan? – inquiriu Savannah. Abri os olhos.

– Acho que é do calor. – Link sorriu e colocou-me no chão.

Lena parecia chocada, mas Ridley parecia pior. Porque Link estava a sorrir como se alguém tivesse acabado de lhe oferecer um contrato com uma editora. E esse alguém era Savannah Snow, chefe das líderes de claque, boa como o milho, e o Santo Graal das miúdas inatingíveis do Liceu Stonewall Jackson.

Savannah ficou ali, a apertar os livros contra o peito com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Usava um vestido quase idêntico ao que Ridley tinha lançado ao chão segundos antes. Emily

Asher estava atrás dela, usando a sua própria versão da roupa de Savannah, com ar confuso. Savannah aproximou-se de Link, mantendo apenas os livros entre os dois.

– O que realmente quis dizer foi: como estás?

Link passou a mão com nervosismo pelo cabelo e deu um passo para trás.

– Estou bem. E tu?

Savannah agitou o rabo-de-cavalo louro e mordeu o lábio inferior de maneira sugestiva, com o *gloss* rosa a derreter ao sol.

– Nada de novo. Só queria saber se vais ao Dar-ee Keen depois das aulas. Talvez me possas dar boleia.

Emily parecia tão admirada como eu. Era mais fácil Savannah ceder o posto na equipa de líderes de claque do que concordar em andar no carro enferrujado de Link. Como acompanhar Savannah era um dos requisitos de ser o braço direito dela, Emily manifestou-se.

– Savannah, temos boleia. O Earl leva-nos, lembras-te?

– Vai tu com o Earl. Acho que prefiro ir com o Link. – Savannah ainda estava a olhar para Link como se ele fosse uma estrela de *rock*.

Lena abanou a cabeça para mim.

«Eu disse-te. É o efeito John Breed. Nada mau para alguém que é um quarto Íncubo. Não podemos esperar que uma Mortal não o sinta.»

Isso era dizer pouco.

«Só as Mortais, L?»

Ela fingiu não entender o que eu quis dizer.

«Nem todas as Mortais. Olha...»

Ela tinha razão. Link não parecia estar a exercer o mesmo efeito em Emily. Quanto mais Savannah lambia os lábios, mais enojada Emily parecia.

Ridley segurou o braço de Link, afastando-o de Savannah.

– Ele está ocupado esta tarde, querida. Devias ouvir a tua amiga. – Os olhos dela já não eram amarelos, mas Ridley parecia tão intimidante quanto na altura em que era Encantadora das Trevas.

Savannah não achou isso ou não ligou.

– Ah, desculpa. Vocês os dois estão juntos? – Fez uma pausa por um segundo, fingindo parecer pensativa. – Não. É isso, não estão.

Qualquer pessoa que tivesse passado algum tempo no Dar-ee Keen sabia que a relação intermitente de Ridley e Link estava interrompida de momento. Savannah agarrou no outro braço de Link. Um desafio.

– Acho que isso significa que o Link pode decidir sozinho.

Link soltou-se das duas e passou os braços por cima dos ombros de ambas.

– Minhas senhoras. Não precisam de discutir. Há aqui que chegue para toda a gente. – Inflou o peito, embora já estivesse bastante grande. Normalmente, eu rir-me-ia com a ideia de duas raparigas a lutarem por Link, só que não eram duas raparigas quaisquer. Estávamos a falar de Savannah Snow e Ridley Duchannes. Sobrenaturais ou não, eram as duas Sereias mais poderosas que a humanidade já tivera a sorte (ou o azar) de encontrar, dependendo de como usavam os seus poderes de persuasão.

– Savannah, anda. Vamos chegar tarde à aula. – Emily parecia enojada.

Perguntei-me por que motivo o magnetismo de Íncubo de Link não funcionava com ela.

Savannah aproximou-se mais dele.

– Devias encontrar um tipo mais... – Ela olhou para Ridley e para a *T-shirt* cheia de alfinetes. – ... mais como tu.

Ridley soltou-se do braço de Link.

– E tu devias ver bem com quem falas, Barbie. – Savannah tinha sorte por Ridley já não ter poderes.

«Isto vai ficar feio, L.»

«Não te preocupes. Não vou deixar a Rid ser expulsa no primeiro dia. Não vou dar essa satisfação ao reitor Harper.»

– Ridley, vamos. – Lena parou ao lado da prima. – Ela não vale a pena. Acredita.

Savannah estava prestes a responder quando algo a distraiu. Torceu o nariz.

– Os teus olhos... São de cores diferentes. Qual é o teu problema?

Emily aproximou-se para ver melhor. Era uma questão de tempo até que alguém reparasse nos olhos de Lena. Era impossível não reparar. Mas eu tivera a esperança de que não seria no parque de estacionamento que os boatos começariam a espalhar-se.

– Savannah, porque não...

Lena interrompeu-me antes de eu poder terminar.

– Eu fazia-te a mesma pergunta, mas todos sabemos a resposta.

Ridley cruzou os braços.

– Deixa-me dar-te uma dica. Começa com V e rima com vaca.

Lena virou costas a Savannah e Emily e dirigiu-se aos degraus partidos do Jackson. Segurei a mão dela e senti a energia a pulsar pelo meu braço. Esperara que Lena ficasse abalada depois de enfrentar Savannah, mas estava calma. Alguma coisa tinha mudado, e era mais do que os seus olhos. Acho que depois de alguém enfrentar uma Encantadora das Trevas que, por acaso, também é sua mãe, e um Íncubo de Sangue de cento e cinquenta anos que tentava matá-la, algumas líderes de claque não são assim tão intimidantes.

«Estás bem?»

Lena apertou-me a mão.

«Estou.»

Eu podia ouvir os sapatos de Ridley a baterem no betão atrás de nós. Link correu até ao meu lado.

– Meu, se isto é o que vem aí, este ano vai ser o máximo!

Tentei convencer-me de que ele estava certo ao atravessarmos a relva castanha, gafanhotos mortos a estalar debaixo dos nossos pés.

